



A Condessa de Ségur no Brasil – Fortuna editorial e recriação literária nas Edições de Ouro¹

Andréa Borges Leão² – Universidade Federal do Ceará

Resumo

Para conhecer a gênese e a formação da literatura infantil brasileira, é necessária, antes de tudo, a análise das condições de produção, transmissão e recepção dos textos. Este artigo objetiva traçar o percurso que possibilita a passagem da história da edição a uma história da produção literária infantil. Como modelo, discute os princípios de formação das coleções de livros infantis, em particular o trabalho de recriação da obra da escritora francesa Condessa de Ségur por Herberto Sales para a coleção Calouro, do selo Edições de Ouro, da Tecnoprint. O artigo propõe uma renovação das fontes documentais de que lança mão a historiografia literária, considerando um método de análise que parta do circuito de produção e circulação dos livros, tomando-os como suportes das escolhas editoriais e das práticas literárias.

Palavras-Chave: literatura infantil; história editorial; Condessa de Ségur; Herberto Sales

1. Literatura infantil e história editorial

É de longa data o interesse das casas editoras em publicar livros para o público infantil. No campo da produção cultural, os livros de literatura infantil não se distinguem exclusivamente pela marca de seus autores, quer dizer, pela afirmação dos nomes e das funções daqueles que assinam os textos e as imagens. Nesse gênero de impressos, que, ao lado dos jogos e brinquedos, são os mais importantes objetos culturais da infância, impõe-se o trabalho de organização e aproximação de textos que, uns ao lado dos outros, formam as coleções ou bibliotecas infantis, justificando a oferta sob o argumento de que possuem atributos que os distinguem como destinados ao público leitor em formação. A boa adequação às faixas etárias e a garantia da seqüência na leitura - ao acabar um livro da coleção as crianças logo iniciam um outro - , resultam do trabalho editorial de seleção, classificação e distribuição das obras em categorias e séries. A lógica das coleções de livros infantis, em primeiro lugar, opera

¹ Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação.

² Andréa Borges Leão é doutora em Sociologia, professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre a história da edição literária para crianças no Brasil, com ênfase nas adaptações dos clássicos franceses na formação da literatura infantil brasileira. E-mail: dealeao@secrel.com.br



uma previsão dos leitores, por exemplo, os da coleção Calouros, das Edições de Ouro, ofereciam clássicos da literatura universal, na maioria versões do século XIX, às crianças de até 12 anos. Cada livro dessa coleção trazia uma mensagem dos editores, na verdade uma recomendação de leitura e de uso, que, caso fosse tomada a ao pé da letra, garantiria a formação de comunidades de interpretação próprias a cada conjunto de obras. Uma outra marca das coleções é a apresentação da biografia e do trabalho pedagógico dos agentes preocupados com o vocabulário e o senso moral das crianças e que têm a responsabilidade de separar a leitura adulta da leitura infantil, como os escritores - tradutores e os professores. O exame dos princípios de formação das bibliotecas infantis é caminho promissor para a construção da longa história cultural do gênero, principalmente se relacionada à gênese da rede de empresas que estruturam essa produção cultural.

Este artigo objetiva traçar o percurso que possibilita a passagem da história da edição a uma história da literatura infantil. Como modelo, discute os princípios de formação das coleções infantis, em particular o trabalho de adaptação da obra da escritora francesa Condessa de Ségur que o “cruzeiriano”, escritor, jornalista e editor, Herberto Sales³ fez para a coleção Calouros, do selo Edições de Ouro, publicado pela TecnoPrint durante os anos setenta. O artigo propõe uma renovação das fontes documentais de que lança mão a historiografia literária, considerando um método de análise pautado nas linhas editoriais, examinando os catálogos e acompanhando o circuito de produção dos livros, tomando-os como suportes das estratégias editoriais, das práticas literárias e das apropriações criativas.

O estudo da organização de um conjunto de obras no lugar da investigação da fortuna literária de um único autor - que acaba apoiando-se no reconhecimento do talento e do ineditismo do escritor, caso de Monteiro Lobato - , oferece pistas para a compreensão do bom envelhecimento de clássicos do patrimônio universal e do movimento de suas trocas internacionais. A longevidade e a permanência no catálogo das editoras brasileiras das adaptações, atualizações e recriações de obras estrangeiras, de há muito caídas em domínio público em seus países de origem, como os famosos *Robinson Crusoe*, *D. Quixote*, *Peter Pan*, *Alice no país das maravilhas*, sem esquecer os pioneiros *Contos de Perrault*, *de Andersen* e *de Grimm*, pode revelar estratégias de publicação que vão além da preocupação com a representação literária da nação.

³ O termo “cruzeiriano” foi utilizado pelo escritor para ilustrar o seu aprendizado e percurso jornalístico nas revistas da empresa Diários Associados, cuja principal foi *O Cruzeiro*. Ver: Sales, 1988.

2. A lógica simbólica dos livros infantis

Os livros produzem efeitos e afetos. No universo da leitura solitária, os livros também podem funcionar como suportes de legitimidade da obediência. Entre a fruição do texto como brincadeira e diversão e a leitura como instrução, os livros de literatura infantil assumem a função de guia. Os livros são objetos preciosos no largo movimento de formação e interiorização da experiência do mundo, e a leitura é atividade bastante eficaz para a assimilação. Desse modo, os profissionais que participam da produção dos livros ? a exemplo dos autores e editores ? são peças-chave no processo de socialização e escolarização infantil. Quem difunde livros semeia saberes, idéias e valores, decide o que é permitido e o que é proibido existir, intervém na íntima estrutura das emoções, formando sensibilidades.

A razão última de um livro é a sua leitura. O circuito da significação no livro percorre cuidadosamente as etapas da produção – da escrita à venda –, mas só se fecha com as apropriações que dele fazem os leitores, os quais, entre constrangimentos e liberdades, dotam-no de novos e insuspeitos sentidos. Entre a produção e o consumo cultural há estreitos vínculos. As figuras da escrita e leitura em boa medida são o que as configurações objetivas fazem delas e caminham no sentido da determinação de seus lugares no processo de produção dos bens simbólicos. Em muitas experiências, os esquemas de apreciação e classificação de autores e leitores podem vir entrelaçados.

Mas a leitura não é uma atividade restrita aos automatismos da consciência a partir dos quais os produtores inculcariam facilmente modelos culturais. A leitura é, ao mesmo tempo, apropriação, identificação e criação. O espaço de recepção dos livros também pode instaurar práticas criativas⁴.

Os leitores quando lêem representam o mundo social, pondo em funcionamento esquemas de compreensão os quais, uma vez internalizados e expressos nas condutas e práticas, criam os instrumentos capazes de atribuir sentido ao mundo. O que importa são os princípios da diferenciação na rede contraditória das utilizações, isto é, o modo singular e coletivo pelo qual os leitores se apossam dos textos, dando lugar a práticas.

A lógica específica da dominação simbólica revestida no objeto livro funciona por meio das relações que põem em jogo tanto os dispositivos de legitimação e controle

⁴ Chartier, 2001.



visados quanto as possibilidades de adesão ou enfrentamento ante ao que é imposto. Os leitores, ainda que produzidos por um trabalho de socialização que, ao cabo e ao resto, os faz dotados de esquemas de percepção e apreciação coincidentes com as intenções dispersas nos suportes, podem ou não corresponder aos autores e editores. Uma leitura não precisa ser literal e nem todo texto precisa ser lido em função da figura do autor. Uma obra pode ser lida em função do repertório de leituras anteriores, de narrativas não escritas, visuais ou transmitidas. Sempre há quem, dominando as letras, ouça os livros. Há leitores de poucas letras e poucos recursos que surpreendem por habilidades intelectuais insuspeitas. Há mesmo obras literárias cujos sentidos, porque indeterminados, escapam a qualquer leitura, incluindo as canônicas.

As experiências sociais, entre elas a leitura, inscrevem-se em modelos e normas compartilhadas. A leitura é ação que principalmente se efetiva a partir de convenções sociais que derivam das formas particulares a cada texto e a cada comunidade de interpretação. As comunidades de interpretação, por sua vez, constituem o universo dos leitores. Esse universo comunga, em relação ao texto, de um mesmo conjunto de competências, usos e códigos de interesses⁵.

Construir os sentidos pretendidos pela ficção da Condessa de Ségur ou atribuídos pelas suas comunidades de leitura, que se forjaram no correr de mais de um século de publicação, tradução e adaptação nas mais diversas línguas, é tarefa desafiadora. Em primeiro lugar, Sophie de Ségur concebeu seus romances e leitores em um universo social e cultural há muito desaparecido, o século XIX francês, mas que insiste em sobreviver e atualizar-se, levando seus críticos e estudiosos à unanimidade em afirmar que os livros da Condessa “continuam a sobreviver a um mundo desaparecido”⁶.

3. Sophie de Ségur, de Nouettes para o Brasil⁷

A obra da Condessa de Ségur ocupa lugar de honra na história editorial francesa. Os contos e romances de Sophie de Ségur são inicialmente publicados em folhetins na revista *Semaine des enfants*. Em 1857, a Livraria Hachette organiza-os em uma coleção, a Biblioteca Rosa Ilustrada e, a partir dela, inaugura um novo sistema comercial de

⁵ Chartier, Idem.

⁶ Nières-Chevrel, 2001, p. 7.

⁷ Para uma boa compreensão dos livros infantis da Condessa de Ségur, consultar o número 9 do *Cahiers Robinson*, dirigido por Isabelle Nières-Chevrel e inteiramente consagrado à obra da autora, 2001, bem como a revista literária *Europe – La Comtesse de Ségur*, N. 914-915, Junho – Julho de 2005 .



distribuição de livros - a venda nos quiosques das estações de trens. Sophie escrevia sob a demanda dos editores⁸. Suas estratégias narrativas coincidiam com as estratégias editoriais de Émile Templier e Louis Hachette. Os dois pólos da produção portavam o mesmo projeto pedagógico que se configurava entre a nostalgia do velho regime e o fascínio pelas novidades vindas com a ordem social burguesa.

Os romances da Condessa compõem-se de histórias que falam das relações no universo familiar e que fixam modelos e contra-modelos de infância, passando pelas brincadeiras, travessuras e rivalidades entre irmãos e primos, com temas sobre a orfandade e o acolhimento, a piedade religiosa e os salões mundanos, entre outros fatos e lições da rotina nos velhos castelos europeus. As histórias são ambientadas no château de Fleurville, durante as férias escolares dos primos Sofia, Camila, Madalena e Paulo, sempre acompanhados de suas mães Madame de Réan, Madame de Fleurville e Madame D'Aubert, além dos empregados - os cozinheiros, os jardineiros e as *bonnes*. Mais parecem fábulas morais. Na verdade, as histórias da Condessa apresentam uma proposta de formação dos valores e de educação sentimental das crianças.

Sophie Rostopchine nasceu no seio de uma família da alta aristocracia russa, na cidade de São Petersburgo, no dia primeiro de agosto de 1799. Com as três irmãs, viveu os anos da infância em uma grande propriedade situada em Voronovo, lendo e escrevendo. O pai, o conde Rostopchine, foi ministro do Czar Paulo I - que, aliás, era padrinho de Sophie - e governador de Moscou. Em 1812, ante a invasão dos soldados do exército de Napoleão, o conde defende a capital ordenando que a incendeiem. Essa contingência acabou determinando a fuga da família para Paris. Antes da partida, o conde Rostopchine não deixa de botar fogo na propriedade de Voronovo. Em 1819, Sophie casa-se com o filho de uma velha família da nobreza francesa, o conde de Ségur, com quem tem oito filhos que lhe dão dezenove netos. Esses netos são as fontes de trabalho e inspiração de uma Sophie tornada velha dama reclusa em um castelo nos domínios de Nouettes, na Normandia francesa, onde morou por meio século de vida. Sophie converte-se às letras tardiamente, aos cinquenta e dois anos de idade. Para ela, a literatura é uma experiência da velhice e da consciência da aproximação da morte⁹. Profundamente católica, amiga do ultramontanista Luís Veuillot, a Condessa de Ségur

⁸ Kreyder, 2005.

⁹ Idem, 2005, p. 54.



publica ao todo vinte livros destinados à instrução e à distração das crianças¹⁰. A escritora morre em Paris, em 1874.

Suas netas, Camille e Madaleine de Malaret, estão na origem da criação dos personagens. A elas, a Condessa dedica *As meninas exemplares*, o segundo volume da sua famosa trilogia. Mas as bonecas de porcelana e de cera também servem como modelos para as heroínas. O primeiro livro da trilogia, *Les malheurs de Sophie* - no Brasil com os títulos de *A desastrada Sofia* e *Os desastres de Sofia* - é dedicado a sua netinha Elizabeth Fresneau. A personagem Sofia inaugura um tipo literário que na cultura francesa é chamado *l'enfant diable* e que, entre nós, significa a criança levada, desobediente e brincalhona, que desafia riscos e testa os limites. As aventuras de Sofia giram em torno de uma heroína transgressiva, meio glutona, que rouba frutas do pomar, derrete a boneca de cera no calor do sol, cria confusão e provoca brigas e pancadas entre os companheiros. No primeiro livro, sua mãe está sempre disposta a perdoar; a partir do segundo, a heroína fica órfã e ganha uma madrasta mesquinha e vingativa.

Sofia é contemporânea da heroína Alice, de *Alice no país das maravilhas*, e um pouco mais velha que a personagem Emília, de Monteiro Lobato. Durante muitos anos, *Os desastres de Sofia* foi o livro preferido das crianças, na França e no exterior, como atestam as suas inúmeras traduções e adaptações.

Sophie de Ségur fazia dos netos o primeiro comitê de leitura. A eles, dedicava uma leitura em voz alta dos manuscritos antes da entrega aos editores. Para Jean-Yves Mollier¹¹, o percurso editorial da obra seguriana não pode ser visto fora da configuração política e judicial do Segundo Império, que impunha ao negócio do livro uma rígida censura prévia à publicação. As próprias companhias ferroviárias acompanhavam de perto o movimento e o conteúdo do que era vendido nas butiques das *gares*, a direção das companhias encomendava aos funcionários a elaboração de relatórios detalhados sobre as coleções. Nessa economia do controle o que porventura ferisse os ouvidos cristãos jamais entraria em um volume destinado às crianças.

A carreira internacional da Condessa de Ségur em muito se beneficiou da atração que a cultura francesa exercia sobre os intelectuais dos outros países da Europa, assim como os da América. De acordo com Isabel Vila Maior¹², é nesse quadro que aparecem

¹⁰ Piffault (org.), *Il était une fois ...* Biblioteca Nacional da França, 2001.

¹¹ Mollier, 2001.

¹² Vila Maior, 2001, p. 248.

as primeiras traduções da autora em Portugal, que ficam a cargo das casas francesas instaladas em Lisboa, como a Aillaud e Bertrand.

É longa a história brasileira dos livros da Condessa de Ségur. Em fins do século XIX, eram vendidos no original francês pela livraria Garnier. Em Paris, os editores da Aillaud publicam, em 1872, a tradução portuguesa do romance *Que amor de criança*, que entregam aos Lallemand Frères, de Lisboa e, em 1874, enviam a São Paulo *Os desastres de Sofia* e *As meninas exemplares*¹³. A trilogia composta pelos livros *Os desastres de Sofia*, *As meninas exemplares* e *As férias*, teve sua primeira tradução “brasileira” a cargo da Editora Francisco Alves, em inícios do século XX. Esta empresa, já tendo incorporado os fundos da livraria parisiense Aillaud, adquire da Editora Hachette os direitos de tradução da Biblioteca Rosa Ilustrada. Anos após, aparecem as versões de Arnaldo Oliveira Barreto e de Miriam Gaspar de Almeida para a Biblioteca Infantil da Editora Melhoramentos. Em seguida, surgem as adaptações da professora paulista Virgínia Silva Lefèvre e de Sônia Maria Penteado Piza, para a Editora do Brasil. David Jardim Júnior inaugura a obra seguriana na Biblioteca Infantil de Ouro das Edições de Ouro, da então chamada Gráfica Tecnoprint. Marita Lima, no Rio de Janeiro, adapta o livro *O Albergue do anjo da guarda*, para a Editora Scala na Coleção Madrigal, em fins dos anos sessenta. Somente na década de setenta, a obra da Condessa de Ségur ganha maior estabilidade com as recriações de Herberto Sales, até hoje mantidas no catálogo da Ediouro.

É interessante notar que, no Brasil, as adaptações surgem depois dos anos trinta, quando a Biblioteca Rosa Ilustrada perde a exclusividade de reedição dos vinte contos e romances da Condessa. Quer dizer, a partir dessa data a obra da autora cai em domínio público, ficando, desse modo, mais fácil com ela compor as coleções de clássicos infantis.

A partir dos anos setenta, os títulos da Condessa publicados pela Tecnoprint na coleção Calouro e, em formato menor, na Coleção Baleia Bacana são: *A desastrada Sofia* ou *Os desastres de Sofia*; *As meninas modelares* ou *As meninas exemplares*; *As férias*; *Memórias de um burro*; *João que chora*, *João que ri*; *O bom diabinho* ou *O bom capeta*; *O General Dourakine* e *A morada do Anjo da guarda*.

¹³ Conforme Annie Renonciat, 2001, p. 220.

4. Coleção Calouro, Herberto Sales reconta Sophie de Ségur

A Tecnoprint Gráfica S/A foi criada em 1940, pelos irmãos gaúchos Jorge e Antônio Gertum Carneiro. Um médico, o outro, engenheiro, os dois resolveram abandonar as profissões para juntar-se ao alemão Frederico Mannheimer e dar início ao negócio da importação e venda de livros estrangeiros e, como não poderia deixar de ser, a publicação de livros técnicos de Medicina e Engenharia. O investimento, no entanto, não deu bons resultados, o que levou os sócios a uma nova aposta que viria a marcar o perfil da empresa, a publicação de livros de bolso, os *taschenbuch* ou *pocket books*. A primeira experiência com o novo formato deu à luz o manual do Prof. Luís A. P. Victoria, *Fale e escreva corretamente sua língua*. Esse guia prático inaugurava a série Sem Mestre, indicando claramente a linha editorial que a empresa seguiria daí por diante. A segunda e definitiva inovação foram as revistas de jogos e passatempos, como as bem sucedidas *Coquetel* e *Palavras Cruzadas*. Logo após, vieram os livros policiais de faroeste e espionagem, sucessos de vendas nas bancas de jornais a preços menores que os da concorrência, tornando o selo Edições de Ouro conhecido em todo o Brasil¹⁴.

Mas, nem só de manuais e passatempos formou-se o catálogo da editora. Uma outra linha constante em sua longa trajetória e extenso catálogo é a publicação dos clássicos da literatura brasileira e universal, com a captação de títulos já caídos em domínio público. Gustavo Sorá¹⁵ nos aponta que a antiga Gráfica Tecnoprint, hoje Ediouro, é uma das editoras de grande porte - leia-se grande volume de vendas - que se situam no limite das empresas de vulgarização e de curto ciclo de vida. Essas empresas têm como marcas distintivas a orientação para investimentos de curto prazo com retornos financeiros relativamente imediatos e garantidos. Elas são o oposto das empresas culturais, que investem nos riscos das apostas de retorno em longos prazos. Os dois esquemas distintivos, domínios de lógicas exclusivamente econômicas ou simbólicas, encontram correspondência na escolha dos autores e dos títulos a publicar e, em consequência, na previsão do público. Nas palavras do autor,

Essa forma de diferenciação corresponde à separação dos diferentes públicos em termos dos usos das leituras e dos livros como práticas e bens aptos a fornecer benefícios de distinção cultural e social. Por um lado, editoras para leitores seletos, separados pelo alto capital escolar e/ou social (produtores potenciais); por outro, editoras para o grande

¹⁴ Essa crônica história da Ediouro está publicada na *Revista do Livro*, de junho de 1956, na reportagem intitulada *O livro de bolso no Brasil*, assinada por Edilberto Coutinho.

¹⁵ 1997, p. 156.

público, empenhadas na vulgarização. Além disso, esse esquema de diferenças corresponde a divergências nos estilos dos autores publicáveis em relação aos capitais de consagração, suas posições nos respectivos espaços de criação e outras características que os levam a produzir textos para ciclos curtos e para ciclos longos¹⁶.

É na posição da alta consagração conquistada no curso de um século de história editorial francesa, erigida ao cânone de clássico universal da literatura infantil, que a obra da Condessa de Ségur entra para a Coleção Calouro, e para o selo Edições de Ouro. A fortuna seguriana só pode ser definida na relação entre as lógicas econômica e simbólica. Os protocolos presentes em cada livro da coleção, como as notas introdutórias e advertências dos editores, indicam a destinação para o uso escolar - portanto, a uma esfera da cultura legítima - , na pretensão de conciliar o aprendizado da língua com o prazer da leitura, a diversão com a instrução, nas recriações de autores de reconhecida excelência, como Herberto Sales. Mas, isso não impede a inserção da coleção nas estratégias de venda massiva, como atestam os baixos preços de capa e a padronização técnica de cada livro da coleção, marcas dos *best sellers*.

Assim, apresentava-se a Calouro:

Coleção Calouro (Cultura de Ouro para a juventude). As maiores obras da literatura universal reescritas por grandes escritores brasileiros como Adonias Filho, Paulo Mendes Campos, Herberto Sales, Carlos Heitor Cony, Orígenes Lessa, Miécio Tati, Maria Clara Machado, Stella Leonardos, Marques Rebelo e muitos outros¹⁷.

Em seguida, os editores listavam as obras compunham a coleção, justificando um princípio organizador, autores clássicos da literatura oferecidos à leitura infantil e juvenil, e esclareciam a escolha da trilogia da Condessa de Ségur:

A cabana do Pai Tomás; A cabeça de Medusa (lendas gregas); A Eneida de Virgílio; A Ilha do Coral; A Ilha do Tesouro; A Ilíada de Homero; Alegres aventuras de Robin Hood; Alice no país das maravilhas; A máquina do tempo; A metamorfose; A morte de Ivan Ilitch; A noiva ou o tigre?; A Odisséia de Homero; As férias; As filhas do Dr. March; As meninas exemplares; As minas de Salomão; A tulipa negra; As aventuras de Huck; Aventuras de Tom Sawyer; Aventuras do Barão de Münchhausen; A volta ao mundo em 80 dias; Bambi; Chamado Selvagem, entre outros volumes.

Sofia, a desastrada, foi selecionada para a Coleção Calouro por que: Toda a obra da autora merece ser lida e merece ser recomendada porque continua divertida e interessante até hoje; este volume juntamente com As meninas exemplares e As férias, forma uma trilogia. Sofia aparece nas três obras¹⁸.

¹⁶ Sorá, 1997, p. 155.

¹⁷ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

¹⁸ *Sofia, a desastrada*, Edições de Ouro, Tecnoprint Gráfica S. A, 1970.

Além de Sophie de Ségur, com textos em português de Herberto Sales, havia ainda na coleção Balzac, Alphonse Daudet e Dante, com tradução e adaptação de Marques Rebelo, Théophile Gautier, na versão de Rachel de Queirós, Beaumarchais, com texto de Cora Rónai Vieira e Paulo Rónai, Thomas Hardy, na recriação de Octávio de Faria, Tove Jansson, por Carlos Heitor Cony e Astri Lindgren, recontada por Lúcia Machado de Almeida¹⁹.

O selo Edições de Ouro, no qual se inscrevia a Calouro, oferecia ainda outras coleções de clássicos para crianças: a Elefante, que incluía livros escritos por autores brasileiros, como Orígenes Lessa, Ganymédes José, Carlos Heitor Cony, Menotti Del Picchia e Pedro Bloch e a Baleia Bacana, composta também com a obra da Condessa.

Um princípio de formação das coleções é a garantia da leitura sequenciada, o que explica a diversidade de gêneros e aparente dispersão na escolha dos títulos para a composição do conjunto. Na advertência aos leitores do livro *Sofia, a desastrada*, lê-se: “ ... Embora possam ser lidos independentemente, a leitura sequenciada dos três (volumes da trilogia) é indispensável para a sua melhor compreensão. Integram, agora, a Coleção Calouro, em livres adaptações do romancista Herberto Sales.”

Cada livro traz, na primeira página de rosto - , são várias páginas com informações técnicas até o texto - , a imagem estilizada da Condessa, e na próxima, comenta “a vida da autora”, que são dados de sua biografia, com o elogio dos editores: “A obra da Condessa de Ségur figura entre as mais importantes da literatura infantil. Suas histórias têm encantado gerações não só pela beleza de seus conteúdos como pelo elevado ensinamento moral que encerram”.

Uma outra marca das coleções, já apontada páginas atrás, é a apresentação da biografia e do trabalho pedagógico dos agentes preocupados com o vocabulário e o senso moral das crianças e que têm a responsabilidade de separar a leitura adulta da leitura infantil, como os adaptadores e os professores.

Construir o lugar que as adaptações da obra seguriana ocuparam na carreira literária de um autor como Herberto Sales, que, não as costumava considerar como parte de seu acervo bibliográfico, é tarefa medida pelo tamanho da biblioteca de pesquisadores pouco crentes em cânones literários. As recriações a partir de originais estrangeiros, práticas literárias talvez pouco legítimas, acabam compondo as marginais do autor.

¹⁹ Idem, 1970.



Herberto Sales nasceu em Andaraí, cidade do interior da Bahia, no dia 21 de setembro de 1917. Passou a infância em Salvador, onde se iniciou na carreira literária e escreveu *Cascalho*, seu romance de estréia, publicado em uma segunda e definitiva edição somente em 1951, pelas Edições O Cruzeiro, empresa pertencente aos Diários Associados. Com a publicação de *Cascalho* veio o reconhecimento do pares e o sucesso de público, o autor já se encontrava no Rio de Janeiro. Nas revistas *Detective*, *A Cigarra* e *O Cruzeiro* e no jornal *Diário da Noite*, empresas dos Diários Associados, o escritor inicia sua carreira de jornalista, trabalhando como redator e, até, como diretor. Nas palavras do próprio Herberto: “De fato, eu era um produto da empresa”²⁰

Entre os muitos laços que esse “cruzeirano” fez com o mundo dos livros, destaca-se a função de editor das Edições O Cruzeiro e, por dez anos, diretor do Instituto Nacional do Livro, lembrando que, em 1971, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Seus principais livros são: *Cascalho*, *Dados biográficos do finado Marcelino*, *Além dos Marimbuns*, *Histórias ordinárias (contos)*, *O lobisomem e outros contos folclóricos*, *Uma telha de menos (contos)*. Até sua morte, no dia 13 de agosto de 1999, Herberto Sales foi traduzido em várias línguas, publicou ainda três volumes de memórias, e mais outras antologias de contos e romances para adultos e crianças.

A estréia na literatura infantil foi em 1969, com o livro *O sobradinho dos pardais*, um sucesso de vendas e de público que mereceu uma seqüência, *A volta dos pardais do sobradinho*. Sua entrada no gênero se deu meio “por acaso”, por insistência da amiga Lúcia Benedetti, que o convidou para compor uma coleção de doze livros que organizava para uma editora. De pronto, Herberto não aceitou a encomenda, a amiga insistiu e ele acabou enviando-lhe os originais de *O sobradinho*, mas o projeto malogrou. Anos após, o escritor resolveu telefonar para Francisco Marins, da Editora Melhoramentos, sondando a possibilidade da edição do livro.

Marins, homem prático, homem de bem, de palavra, me disse que via com simpatia a idéia. Mas, embora eu fosse um nome conhecido, isto pouco importava para a decisão final, que cabia ao professor Lourenço Filho. Se Lourenço Filho, com a respeitabilidade de professor e escritor, com o seu grande nome de pedagogo, aprovasse a história, tudo bem. Se não a aprovasse, nada adiantava eu ser o autor de *Cascalho*, etc., etc. Gostei da conversa. Enviei os originais do livro ao Marins²¹.

²⁰ Sales, 1998, p. 197.

²¹ Sales, 1988, p. 149.



É interessante notar a dependência que as publicações infantis, em especial as obras de ficção, têm do juízo pedagógico de agentes, como os professores, especialmente contratados para a leitura, exame e aprovação dos originais. A carreira de Herberto Sales foi pontuada por essas conversas e condições para a aprovação de seus textos.

Levei uns três meses esperando a resposta, que finalmente veio. Lourenço Filho escreveu sobre o livro um longo parecer elogioso, e o aprovou para a publicação, desde que eu modificasse o final da história, evidentemente antipedagógico. (...) Final depressivo, em desacordo com a natureza do livro, que se destinava à alminha das crianças²².

Além de *O homenzinho dos Patos*, uma segunda história que Lourenço Filho preferiu fosse publicada em volume separado de *O Sobradinho*, os outros títulos de Herberto Sales para as crianças saíram pela Editora Francisco Alves, *A feiticeira da Salina* e *O casamento da raposa com a galinha*.

O livro *Memórias de um burro brasileiro*, uma recriação “à nacional” que Herberto fez de *Memórias de um burro*, da Condessa de Ségur, e incluído na Coleção Calouro entre os clássicos da escritora, encontramos o seguinte aviso dos editores: seleção e preparação do vocabulário pela equipe de professores coordenada por Betty Zimmerman. Os jogos de decifração e de interpretação das palavras, as buscas dos sinônimos, fazem parte do saber escolar.

Esta equipe foi convidada pela Direção da Empresa para a difícil tarefa de examinar o vocabulário de cada livro, procurar explicar o significado dos termos ao nível de compreensão dos alunos e fazer uma classificação dos diversos livros de acordo com a idade dos presumíveis leitores²³.

Antes da história, há mais “Uma explicação” ao leitor sobre a originalidade do trabalho de Herberto que, não se limitava a uma simples adaptação de “obras estrangeiras que vimos publicando nessa coleção”, mas assumia a grandeza de um “trabalho paralelo de criação”, baseado nas linhas gerais do livro original, “que usou como se fora uma mote”. Enfim, Os editores da Coleção Calouro recomendavam a leitura do livro pela originalidade de uma recriação literária:

²² Idem, p. 149.

²³ *Memórias de um burro brasileiro*, 1970.



Em suma, é um trabalho realizado na mesma linha das recriações de obras estrangeiras de literatura juvenil feitas por Monteiro Lobato. Esta a razão pela qual Herberto Sales passou a figurar, não apenas como adaptador, mas recriador e, por conseguinte, autor destas Memórias de um burro brasileiro²⁴.

Até hoje as recriações de Herberto Sales da obra seguriana permanecem no catálogo da empresa. São vendidas e lidas por muitas crianças e adultos, em casa e nas escolas. Se o mundo criado pela Condessa de Ségur mundo ainda é capaz de nos falar é por que, nas palavras de Laura Kreyder²⁵, de algum modo reconcilia-nos com o mundo do antigo regime europeu, que tanta inspiração provocou na cultura literária brasileira.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. Cultura Escrita, Literatura e História, conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

COUTINHO, Edilberto. O livro de bolso no Brasil. In: Revista do Livro. Órgão do Instituto Nacional do Livro do Ministério da Educação e Cultura. N. 41 Rio de Janeiro: Instituto nacional do Livro, 1956.

KREYDER, Laura. Sophie, vieille enfant. In: Europe. Revue littéraire mensuelle. La Comtesse de Ségur. N. 914-195, Junho-julho de 2005.

MOLLIER, Jean-Yves. Editer la Comtesse de Ségur ou les ruses de la raison policière. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romancières de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

NIÈRES-CHEVREL, Isabelle (org.). Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Actes du colloque internacional La Comtesse de Ségur et les romancières de la Bibliothèque rose. Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

PIFFAUT, D'Olivier (direção). Il était une fois ... Les contes de fées. Paris: Seuil / Bibliothèque Nationale de France, 2001.

RENONCIAT, Annie. Fortune éditoriale de la Comtesse de Ségur (1857 – 1939). In: La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du

²⁴ Idem.

²⁵ Kreyder, 2005, p. 53.



colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.

SALES, Herberto. Memórias de um burro brasileiro. Obra baseada em “Memórias de um burro”, da Condessa de Ségur. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

SALES, Herberto. Subsidiário. Confissões, memórias e histórias. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1988.

SALES, Herberto. Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico e exercícios por Marlise Vaz Bridi Ambrogi. São Paulo: Abril Educação, 1983.

SÉGUR, Condessa de. Sofia, a desastrada. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Calouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

SÉGUR, Condessa de. O General Durakine. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Calouro. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1972.

SÉGUR, Condessa de. O bom capeta. Texto em português de Herberto Sales. Coleção Baleia Bacana. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S. A. Editora, 1970.

SORÁ, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. In: Revista Mana, 151-181, 1997.

VILA MAIOR, Isabel. L’oeuvre de la Comtesse de Ségur au Portugal. In: Cahiers Robinson – La Comtesse de Ségur et ses alentours. Número dirigido por Isabelle Nières – Chevrel. Actes du colloques internacional La Comtesse de Ségur et les romanciéres de la Bibliothèque Rose, Université de Rennes II, 3-4 septembre, 1999. N. 09, 2001.